

Saudades do Armando

por Heloisa Villela



Ao lembrar do colega Armando, logo me vem à cabeça as frases do poeta Francisco Otaviano,

“Quem passou pela vida em brancas nuvens e em plácido repouso adormeceu, quem nunca sentiu o frio da desgraça, quem passou pela vida e não sofreu. Foi espectro de homem não foi homem, só passou pela vida, não viveu”.

Há pessoas que passam pela vida da gente como sombras fugidias, não deixam marcas, rastros, impressões. Com certeza esse não foi o caso do Armando. É unânime a sensação dentre os que o conheceram de uma presença forte e vívida que insistirá sempre em não se esvaír.

Conheci Armando durante o curso de mestrado na UFF e desde então nossas vidas se interligaram para sempre. Identificando a fragilidade da

perspectiva histórica em nosso curso àquela época, entusiasmado e dinâmico, ele reuniu um grupo de colegas para estudos e trocas teóricas que em muito contri-buíram para a definição de nossas trajetórias intelectuais. Também por sua iniciativa criamos um núcleo de pesquisa, o NUPHEF, talvez o primeiro desse gênero institucionalizado num programa de pós-graduação, por iniciativa discente. A maioria dos colegas ligados a esse grupo de estudos acabou por ingressar na FEUFF, como professores concursados, e puderam dar continuidade às suas pesquisas no PRODEF, programa que posteriormente se desdobrou em outros grupos de acordo com os interesses temáticos de cada um. Armando de fato foi o ianugurador e incentivador dessas trajetórias, como de tantas outras de alunos e orientandos com os quais

conviveu. Sua característica mais especial foi a capacidade de criar e abrir caminhos novos por temas inexplorados que vão desde a educação anarquista, sua dissertação de mestrado, passando pela cultura de matriz africana, pela questão dos materiais visuais táteis para cegos, pela formação de agentes indígenas no campo da educação e saúde, pela recuperação do patrimônio histórico artístico e cultural, como os seus “Caminhos do Ouro” e tantas outras temáticas que inaugurou, incentivou e abriu estrada para futuros pesquisadores.

A sua biografia, a luta contra a doença com a qual várias vezes teve que duelar, nos dão pistas para entender sua personalidade combativa e a avidez com que mergulhava em seus projetos. Armando não era uma pessoa de “mais ou menos”. Com ele era tudo ou nada e geralmente prevalecia o tudo: trabalhava intensamente, amava perdidamente, comia perigosamente... e como gostava de comer! Essa lista seria quase interminável, para resumir, posso dizer que ele VIVEU. Viveu e fruiu desta vida como poucos homens e mulheres tiveram a capacidade de fazer. Por isso, ao passar o primeiro impacto da perda, nós colegas, alunos e amigos, não devemos sofrer. Ao contrário, devemos lembrar com alegria.

Quando você passar

pela Ilha dos Cabritos, por Angra, Parati, pelos Caminhos do Ouro ou Copacabana na Praça do Lido, lembre do Armando. E, principalmente, quando sentar numa mesa com farta comida, de preferência nada leve assim à francesa, mas uma carne seca ou uma feijoada carregada, lembre do Armando. Ele curtiu tudo isso com muita felicidade.

E não se espante se por ali passar uma figura exótica, de chapéu de palha, óculos colorido, máquina fotográfica na mão. Não duvide: pode ser ele mesmo!!!

Ao amigo, com carinho.